



E DIZ O SAFADO DO SILVA PAIS QUE TEM A "CONSCIÊNCIA TRANQUILA"





O PASTORE E O LOBO

Aquele pastorzinho era mesmo levado da breca. Alegre, bem disposto, sem nada na vida que o ralasse, ou pelo menos sem se querer ralar com coisíssima nenhuma, passava os dias no monte a tomar conta do seu rzbanho, que era uma maneira muito delicada de se dizer que passava os dias refastelado na relva, por que as cabrinhas e os cordeirinhos nunca precisaram de ninguém que lhes desse comer à mão.

E o pastorzinho, que sabia isso muito bem, assim que chegava a um sítio com boa relva — boa para os bichinhos comerem, e boa para ele descansar — assentava arraias e deixava passar tranquilamente o tempo.

Não tinha que aturar o patrão, porque mal metia o rebanho no curral, e dava as boas noites ao caseiro, punha-se na alheta para casa.

Não lhe faltava comida, por que a mãe arranjava-lhe o seu farnelinho todos os dias, e ainda por cima arranjava por todo o lado fruta que lhe apetecia como sobremesa, e ninguém se ralava com isso.

E é claro, às vezes aborrecia-se, precisamente por não ter nada que fazer.

E foi duma dessas vezes que se lembrou de se pôr a gritar pelos outros pastores, a dizer que vinha aí um lobo.

— Acudam! Lobo! Ai Jesus! Ai o lobo!

E tal como era de esperar, os outros pastores vieram todos a correr com os seus cajados, esfalfados pela serra acima, dispostos a dar cabo do lobo, e a salvar o pastorzinho mai-lhos animaizinhos ameaçados.

Como reza a tradição, o pastorzinho gozou como um cão quando os viu chegar a tentarem todos cortar a meta ao sprint, esfalfados e arrebrandos:

— Onde está o lobo? Onde está ele? Vamos rebentá-lo já!

E claro está que quando viram que tudo tinha sido uma brincadeira do pastorzinho, ficaram mais beras do que a ferrugem do fogão da minha avó.

— Malandro! Ordinário, sem respeito pelos mais velhos! Claro, esta mocidade agora é assim! Faz pouco dos velhos! E veio a gente a correr desta maneira. . .

Mas é claro, nada havia a fazer. E eles voltaram para o pé dos respectivos rebanhos, onde também não tinham nada que fazer (porque senão não tinham ido a correr ver que novidades havia lá por cima. . .) E durante muito tempo ainda remungavam de cada vez que falavam no pastorzinho.

Mas por fim o incidente esqueceu. E quando o pastorzinho percebeu isso, um dia que já tinha bocejado vinte oito vezes seguidas, lembrou-se de repetir a gracinha.

E lá voltou a fazer a gritaria do acudam que é lobo, acudam depressa senão ele come tudo.

E os outros pastores que além de curiosos também eram parvos, lá foram outra vez, serra acima e a deitar os bofes pela boca fora, para salvar o rapazito e muito mais importante do que isso, as cabrinhas e as ovelhinhas da detença do lobo.

Voçês conhecem a história: claro que não havia lobo nenhum. E os pastores dessa vez juraram aos pés juntos que nunca mais cairiam noutra.

E de facto não cairam.

O rapazinho, três meses e duas semanas depois, lembrou-se de pôr de novo em cena aquela peça, mas achou-se era demais, e desistiu. Mas logo no dia seguinte, quando ele estava muito bem refastelado num monte de palha a ver se conseguia tirar da flauta a música do Avante Companheiros viu pelo rabo do olho a aproximar-se do rebanho um lobo de verdade, facto a que não achou graça nenhuma, até porque não era a companheiros dessa laia que ele estava a mandar avançar.

Mas é claro, a vida tem destas coisas, e a vida dum pastor também nem sempre é aquela vida refastelada que muita gente pensa.

O rapazinho pôs sossegadamente a flauta, e pegou na caçadeira que tinha ali ao lado. E quando o lobo se chegou mais perto ferrou-lhe uma carga de chumbo na barriga, que o estendeu de patas para o ar.



Eu sempre disse que o Ford era um grande veículo. Mete-se por todas as estradas/ Agora até já fez um percurso oficial (devidamente reconhecido) pela Alemanha do Leste. Amiguinhos é que é bom!

As coisas só podem ser conhecidas quando se passa por elas. Se não foi Confúcio quem disse isto foi porque se esqueceu. O facto é que em França, o ministro da Juventude e Desportos, o Sr. Pierre Mazeaud visitou na semana passada a Escola Nacional de Vela de Bag Rohu, e quiz mesmo dar uma volta num dos barquinhos.

Estava ele muito satisfeito a velejar, quando uma rabanada de vento virou o barco. E o ministro (tal como os seus outros dois companheiros do passeio) mergulhou.

E a acreditar nas suas declarações (a gente tem que acreditar) achou muita graça ao caso. . .

Parece que já andam para aí a dizer muito mal do senhor Kissinger. Entre outras coisas feias dizem que ele se fartou de utilizar a acção da SIA para arranjar conflitos em vários sítios, onde ele deveria surgir como pombinha da paz a fazer as pazes. Parece a história daquele engraxador que tinha um cão ensinado para ir molhar as patas na valeta, e depois ir a correr sujar as botas dos senhores muito elegantes, que tinham logo que ir a correr ao engraxador para as limpar.

Oh, senhor Kissinger! Então isso faz-se? É verdade que na altura da primeira crise do petróleo, quando os países europeus começaram a tentar resolver os problemas directamente com os árabes ele foi aos arames e até chamou "miseráveis abutres" a esses "atrevidos" que não esperaram que ele fosse resolver o assunto. O que, na realidade também não se faz: então o mundo tem um Kissinger e os palermos dos países atrevem-se a querer passar sem ele? Já é atrevimento! A gente vê cada coisa. . .

Parece que as honras de grande ponto número um pertence aos gregos. Com efeito depois do rebentamento da crise de Chipre, os Gregos decidiram agarrar-se à França, já que segundo eles os turcos têm o apoio dos Estados Unidos. E arranjaram já um slogan do belo efeito, que é cantado, escrito e gritado por toda a parte: "GRÉCIA-FRANÇA-ALIANÇA!"

Um dos grandes impulsionadores deste movimento foi o senhor Constantin Caramantis que viveu exilado em Paris durante onze anos e regressou agora à Grécia.

E para completar o quadro o vice-presidente do Conselho Grego, Mavros foi a França acertar agulhas de auxílio para a Grécia — que não quer nada com os americanos — e ver se consegue que, já que saiu da NATO, possa agora entrar para a chamada Europa dos Nove, ficando com o número dez na camisola, e mudando o nome do clube para Europa dos Dez. . .

COMUNICADOS

DO PARTIDO DE BRUXAS
E VIDENTES (P.B.V.)

São por este meio convocados todos os indivíduos e individuais que pretendam ingressar oficialmente no nosso partido, que devem ser quanto antes a sua inscrição, mas em virtude da grande quantidade de pessoas que, em concorrência desleal, exercem a nossa profissão, sem que para isso tenham a mínima competência, a Direcção exige que todos os que se pretendam filiar, apresentem no acto da entrega da proposta, um trabalho profissional que os acredite como tal.

Os trabalhos serão à escolha dos nossos estimados confrades, e dividem-se em duas categorias: Obras de Bruxaria (para a inscrição como Bruxo ou Bruxa) e Previsões e Antevistas para as próximas Quinzenas (para a inscrição como Vidente).

Para as inscrições como Obras de Bruxaria, podem seguir-se a Solução Financeira dos Principais Agrupamentos Desportivos Portugueses, a Demarcação de Fronteiras Entre os Partidos Políticos No Mundo, o Saneamento Efectivo DO Que Deve Ser Saneado, e a Turistificação das Zonas Turísticas Portuguesas.

Para as inscrições como Vidente os trabalhos devem incidir sobre temas que não deixem quaisquer dúvidas sobre a capacidade de Vidência, como por exemplo a Declaração do Nome do Próximo Treinador do Sporting, a Declaração do Número de Clubes Profissionais Portugueses na Primeira Divisão no Próximo Ano ou a Data do Regresso dos Principais Emigrantes Portugueses.

CUSTO DE VIDA?
QUERO LÁ SABER...
EU JÁ QUASE NÃO
TENHO VIDA!!!



O "Metro e Meio", na Avenida Cinco de Outubro, é um desdobramento de salas subterrâneas, abobadadas, caiadas de branco, onde se pode tomar um bom "whisky" num dos mais agradáveis ambientes de Lisboa, comer uma boa sopa de cebola gratinada, ouvir música, conversar e ver gente conhecida.

O nome e o encanto de Flávia Monsaraz (a família dos poetas Macedo Papança) são duas das colunas de êxito do "Metro e Meio".

Parece que os bares são um dos grandes negócios da nossa época. Dentro em breve, vão aparecer em Lisboa mais dois que prometem ser muito divertidos, dados os seus proprietários.

Até agora, "O Botequim" e o "Metro e Meio" conservam uma posição destacada entre eles mas pode ser que um destes novos bares, iniciativa de uma conhecida personalidade do nosso teatro, se torne num perigoso concorrente.

Não é verdade, Maria Paula?

Muito mais criticáveis do que os criticados são os críticos... Qualquer dia, vamos falar deles.

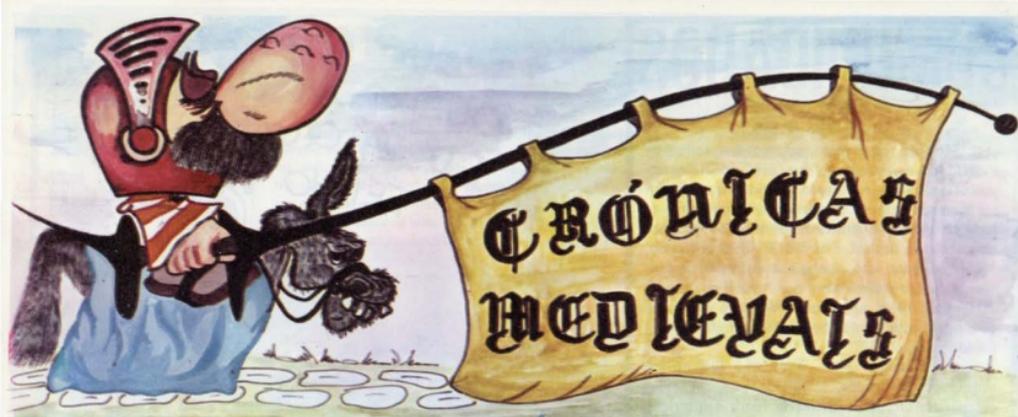
Só nos embaraça a dificuldade da escolha.

Um curioso artigo da revista "L'Amour", de Maio deste ano, ensina as mulheres interessadas a... caçar milionários, no verão.

Dentro em pouco, inicia-se a caçada de inverno, nas "coutadas" especiais que são, entre outras, as estâncias de "Ski" como Saint Moritz ou Gstaad.

A caça sempre foi uma actividade do homem, desde os tempos primitivos. Eles caçavam o urso, a rina, o leopardo. Elas caçavam os caçadores — e continuam a caçar. Um preferem a caça ao tubarão. Outras, coitadas, contentam-se com um cabrito... .

Que aconteceu a Mariema? Desde que recebeu um "Prémio da Crítica", a rapariga começou a definhar, a desaparecer... Já houve um artista que disse que neste país não há nada pior para uma carreira do que ser galardoado pela CRÍTICA.



A SOLTEIRA

EL-REI

— Sus, senhora D. Briolanja, minha adorada esposa, e estremosa Aldegundes minha primogénita! Vinde cá, prestes, que novas alvissareiras tenho para vós!

D.BRIOLANJA

— Credo, meu senhor esposo! Que afobado vindes! E que rubicundas estão vossas faces! Que novas são essas que anunciaídes?

ALDEGUNDES

— Sim, papazinho, dizeide! Que novas tendes?

EL-REI

— Novas de monta hei do meu antigo reino! Alegrai-vos que prestes parecem vir os tempos de antanho!

D.BRIOLANJA

— Que dizeídes, meu esposo e senhor! Acaso não vos teréis metido demais na cachaça?

EL-REI

— Tende tento nos vossos dizeres, senhora, que me ofendeídes!

D.BRIOLANJA

— Não é para ofender, meu senhor. Mas como já há tanto tempo vos não via tão euforicamente jocoso...

ALDEGUNDES

— É verdade, senhora mamã! A última vez que o papá entrou assim em casa...

D.BRIOLANJA

— Bem me recordo! Foi a última vez que ganhou aquelas eleições...

EL-REI

— Encerraídes as aldrabas, cacarejantes senhoras! Quereídes ou não quereídes ouvir as novas que vos trago?

D.BRIOLANJA

— Dizeide, dizeide prestes! E não vos agasteídes se recordamos com saudade os tempos em que vos vimos tão feliz! Não esqueçai que a vossa dita é a nossa dita, e que enquanto a vossa dita dura, a nossa também se mantém...

EL-REI

— Está, está. Mas volteis a dizer que a minha dita dura,

porque em primeiro lugar já não dura. E depois pode prestar-se a malevolas interpretações vindas da plebe.

D.BRIOLANJA

— Acabaíde, enfim os vossos dizeres, senhor meu esposo! Lembraíde-vos que desde que estrasteídes que estamos em pulgas...

EL-REI

— Que dizeídes, senhora? Acaso pretendeis insinuar que eu vim para casa com pulgas, como qualquer vário rafeiro?

ALDEGUNDES

— Credo papá! Que susceptível estaiídes! Bem sabeídes que a mamã queria apenas dizer que a vossa entrada eufórica e altissonante nos encheu de toda a casta de excitações...

D.BRIOLANJA

— Com o devido respeito, senhor meu esposo, volto a pensar que vós andasteídes nos copos.

EL-REI

— Não vos minto, porque um rei não mente. Estive com efeito na loja de Mestre André...

ALDEGUNDES

— ...a beber mais um copinho, trum tum tum, mais um copinho!

EL-REI

— Calaíde-vos desgraçada donzela! Pretendeídes troçar do vosso venerando progenitor?

D.BRIOLANJA

— Deixaíde lá a pequena, senhor meu esposo. São verduras da mocidade...

EL-REI

— Verduras? Assaz seródias me parecem!

ALDEGUNDES

— Vedes? Agora soídes vós que me ofendeídes! Chamais-me seródia, a mim que desde os quarenta e cinco digo a toda a gente que só tenho vinte e dois: e a verdade é que ninguém mos dá...

EL-REI

— Com essa cara não admira que ninguém vos dê nada...

A "CONSCIENCIA TRANQUILA"

Diz um provérbio chileno que mais do que nunca vem muito a propósito: — "uma consciência tranquila significa apenas uma memória fraca..." É, em primeira análise, o caso do Sr. Silva Pais, ex-chefe da PIDE-DGS, o sicário de um povo, que em entrevista concedida a uma revista espanhola, declara com todo o descoco: — "Tenho a consciência tranquila."!!!! Pois claro! Para o Sr. Silva Pais quem deve estar de consciência tranquila são... os que foram torturados nas suas masmorras! Quem deve estar de consciência tranquila são as vítimas, os bons, os incapazes de fazer mal ao seu semelhante! Os que espancavam com matracas, os que denunciavam como um exército de muitos Judas, comandados pelo Judas-mor que foi o Sr. Silva Pais, esses, de acordo com a sua moral, estão todos de consciência tranquila!!!

A sua memória obnubilou-se. O Sr. Silva Pais deve ignorar o fim do general Humberto Delgado. "Quem? Delgado? O nome não me é estranho..." E o general Humberto Delgado foi assassinado por agentes da polícia que chefiava. O mesmo acontecerá provavelmente se falarmos de Peniche. O Sr. Silva Pais talvez já nem se lembre que a fortaleza existe. "Peniche? O nome não me é estranho... Terra de peixe, não é? ". Sim, agora, é terra de peixe mas durante muito tempo foi mais conhecida por ser terra de PIDE! O Sr. Silva Pais provavelmente só se recorda de Caxias e isto apenas porque lá está!

A consciência tranquila de Silva Pais é semelhante à consciência tranquila de Heinrich Himmler, o chefe da Gestapo e das S.S. Esse homem sinistro que serviu Hitler, que exterminou seis milhões de judeus nos campos de concentração, que mandou congelar homens para experiências científicas e deles se utilizou como cobaia, que esterilizou mulheres e ordenou que assassinassem milhares de crianças com injeções no coração, esse monstro Nazi também afirmava no final da guerra que tinha... "a consciência tranquila"! Desejo de salvar a pele perante a hecatombe hitleriana, Himmler dizia ao conde de Bernadotte e aos emissários Israelitas que vinham negociar a salvação "in extremis" de centenas de famílias judaicas: — Eu sou um homem bom, alto

de calúnias. Os campos de concentração são centros educativos".!!!!!!

Todavia, esta falta de memória dos caracteres deformados. E se o Sr. Silva Pais já esqueceu o que foi a PIDE-DGS, nós todos teremos a bondade de lhe lembrar.

Quem escreve estas linhas, presenciou tragédias originadas por essa polícia salazarista que destruiu todos os que se opunham às suas pretensões ditatoriais. Muito poderia contar dos processos falsificados com que se atiravam pessoas inocentes para a ilha do Sal. Muito poderia contar da vigilância intimidativa que exercia sobre a casa de democratas, taxados de comunistas para comodidade de deportação... Mas, hoje, ninguém ignora esses pormenores. Hoje, toda a gente conhece em toda a sua extensão o que foi a PIDE e todos os atentados que ali se praticaram contra a integridade física e espiritual dos portugueses. Toda a gente, não — toda a gente, menos o Sr. Silva Pais que tem a "Consciência tranquila"...

O ex-chefe da PIDE, na sua reclusão, lê livros de Histórias. Talvez fosse bom ler alguma coisa sobre Himmler, o exemplo número um dos polícias fascistas empenhados na segurança do Estado e na insegurança dos cidadãos.

Leia — o que nunca foi permitido aos que jaziam nas masmorras da PIDE. E conserve a sua... "consciência tranquila" porque nós conservamos a nossa consciência alerta e, embora apoiemos a política de clemência do novo governo, consideramos qualquer espécie de clemência no seu caso é um autêntico crime contra... A CONSCIÊNCIA.

A sua "Consciência tranquila" senhor Silva Pais, é o retoco final e sublime no retrato em corpo inteiro da consciência dum biltre!

POR EZEQUIEL

CRÔNICAS DA CONTRA PEÇONHA

IN CULTURA GERAL

Ora, amigo, não esteja para aí a fazer esse ar de troça, lá porque aprendeu muitas coisas no liceu. Fique sabendo que antigamente também se sabia muita coisa, e era logo no principio do ano que se

sina o que vai ser o ano todo, de acordo com a "cara" que tiveram os primeiros dias do ano. Querem saber?

SIGNIFICAÇÃO DA FERTILIDADE OU ES-

O SÉTIMO dia de Janeiro, se for claro e sereno, denota enfermidades de meninos; se for ventoso significa esterilidade e fome.

O OITAVO dia de Janeiro, se for sereno, os

ventos de noite, promete fertilidade de hortaliças e frutas.

O DÉCIMO dia de Janeiro, se for sereno e claro, denota ano estéril.

O DÉCIMO PRIMEIRO dia de Janeiro, se

so denota peste.

O DÉCIMO TERCEIRO dia de Janeiro, se for sereno promete grandes tempestades; e se de noite correrem ventos, morerão muitas ovelhas e cabras.

O DÉCIMO QUINTO dia de Janeiro, se for se-

CIÊNCIA ANTIGA

ficava a saber.

O tal livrinho de que já vos falei, e que representava o conhecimento total daqueles longínquos tempos de mil oitocentos e troca o passo, tem um capítulo muito útil: en-

TERILIDADE E ENFERMIDADES DO ANO POR MODO RÚSTICO

O QUARTO dia de Janeiro, se for claro e sereno, denota grande fertilidade: se for ventoso, esterilidade.

frutos são tardios, mas haverá grande abundância deles, e se de noite ventar, promete enfermidades, principalmente em homens estudiosos.

O NONO dia de Janeiro, se for sereno e com

ventar pela manhã haverá grande cópia de peixes e guerra; e se de noite ventar haverá peste.

O DÉCIMO SEGUNDO dia de Janeiro, se for sereno denota multidão de ovelhas, e se for vento-

reno, promete grande abundância de vinho.

Amigo: vamos todos rezar para que o DÉCIMO QUINTO dia de Janeiro seja sereno... muito sereno... muito sereno...



ANTIGAMENTE A MINHA POLÍTICA ERA O DESPORTO!



HOJE O MEU DESPORTO É A POLÍTICA!



ORA CONTE-NOS... O QUE PENSA DO PARTIDO NACIONALISTA PORTUGUES?



VA' PERGUNTAR
AO SR. DIRECTOR
SILVA PAIS, QUE
ATE' TEM A
CONSCIENCIA!
TRANQUILA!



Ex-Lide

A MINHA MAE
E' A REACCAO
TENHO QUE A DEFEN-
DER, JA' QUE NAO
SEI QUEM E' O MEU
DAI !!!...

MAS EU JULGAVA
QUE OS PIDES E
OS LEGIONARIOS
ESTAVAM TODOS
PRESOS!



Ex-Legionario

DEVE
SER
RAPAZIADA
BEM INTENCI-
ONADA!...



Capitalista



Dona de Casa



Inabalado

PONHA-SE COM
PERGUNTAS PARVAS
QUE AINDA O
MANDO BARDAMERDA

LA' VAMOS
CANTANDO
E RINDO
LEVADOS
LEVADOS
FOMOS



Funes

DESCARADAMENTE Julieta

HISTÓRIA

COMPLICADA DE UMA
RAPARIGA
SIMPLES

Um folheto
por *Est. Quím.*



1º episódio

JULIETA NA ALDEIA
OU ESCÂNDULAS EM FAMÍLIA

HUMANO

REALISTA

DESCARADAMENTE JULIETA O MAIS EMOCIONANTE FOLHETIM DE TODOS OS TEMPOS



... como em Castelo Branco ou em Santarém, todos nascem fatal e respectivamente albacastrenses e escalabitanos, há certas aldeias junto à fronteira de Espanha onde todos nascem contrabandistas... Era o que acontecia em A-da-Fome, aldeia remota que os próprios mapas evitam e que só uma vez, há cerca de vinte anos, saíu temporariamente da obscuridade quando alguém propôs ao SNI que fosse considerada "a aldeia mais portuguesa de Portugal" e símbolo inequívoco da obra de renovação do Estado Novo. Todavia, o facto de ali só existirem noventa e nove por cento de analfabetos parece ter afastado o galardão merecido da aldeia que não manteve em todo a sua escrupulosa pureza o analfabetismo.

A-da-Fome é um aglomerado de casbres sem água nem electricidade onde o barbeiro acumula as funções de médico, carteiro, merceiro e coviro-mor do cemitério local, o único local de interesse turístico da aldeia uma vez que é maior do que ela e muito mais "habitado". A múltipla actividade daquele homem há muito que o leva a brincar e constantes confusões: vende pedra hume por tocinho, dá a barba aos mortos e quer enterrar os vivos — que se confundem muito na aldeia, é verdade —, troca azeite por óleo de rícino, etc. etc. Apesar de tudo, é o único aldeão que sabe escrever e ler o que se torna de capital importável para os outros.

Como já se deve ter compreendido, a proeza domina ali. Famílias há que jantam uma azitona, dividida por quatro, dando o carrego ao gato que mia desesperadamente por pressentir que tem os seus dias contados. De facto, "o gato na púscara" é a especialidade regional e o manjar dilecto dos habitantes de A-da-Fome que exaltam as suas excelências e que mostram um irreprimível nojo pelos que comem coelho ou lebre. Segundo uma receita tradicional, o gato é posto a molhar num algaruid com bocados de cortiça que lhe tiram o gosto "sui generis" a felino e o transformam num petisco detrás da orelha.

Uma das famílias mais destacadas da aldeia tem precisamente o nome de Gato. A sua miséria equipara-se à de todas as outras mas excelsas em antiguidade na região e em notoriedade em todos os aspectos. A mãe Gato dedica-se à bruxaria, o pai ao contrabando de corujas e ouriços pretos, o filho mais velho é atrasado mental (todas as semanas, tenta deitar fogo à aldeia em consequência da sua piromania crónica) e a filha, a Julieta, constitui o escândalo de todos.

Em casa dos Gatos, nessa noite, os ânimos estavam exaltados: decidia-se o destino de Julieta. Embora chovesse e fizesse zero grau, ela ainda não voltara dos seus habituais passeios e a mãe, encolhida de frio, procurava indignar-se ao rubro para se aquecer um pouco — aliás, a única forma de aquecimento conhecida na aldeia...

Esta rapariga é a bergonha da nossa cara — gritava ela para o marido, enquanto cosia os olhos a um sapo, preparando para uma vizinha o feitiço de prender loucamente umhomem—É uma escândula numa família como a nossa! A prima Mata-Cães até faz figas quando lhe falam na namoração do filho com a Julieta.



INSÓLITO

COMOVENTE

ANÚNCIOS

VENDE-SE

Lote de placas com nomes de ruas, largos, avenidas, travessas e becos alusivos a infastas pessoas ou acontecimentos. Pouca variedade, mas enorme quantidade. Bom negócio para sucateiro com poucos escrúpulos. Resposta ao número 12

Trem para dois cavalos. Podem ser burros, que são mais baratos e também não gastam gasolina. Ideal para substituir o automóvel. Resposta ao número 31

Grnde saldo de livros e outras publicações, grandes sucessos dos últimos anos, sobre assuntos políticos. Edições raras, em virtude dos seus autores terem mudado de emprego. Resposta ao número 25.

COMPRA-SE

Telefone que consiga fazer três chamadas sem ter que se experimentar dez vezes. Paga-se um bom bônus, se der menos de vinte números errados em cada dez chamadas. Resposta ao número 13.

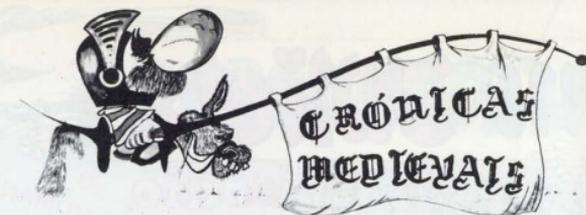
(se estiver em bom preço) lote de vinho do ano passado, que sirva para composições martelais. Resposta ao número 99.

Roulotes usadas e tendas grandes, para fazer um bairro económico. Aceitam-se inscrições para inquilinos. Resposta ao número 80

ALUGA-SE

Terrenos livres para a venda ambulante, no centro da cidade. Ainda existem alguns lotes em boa situação. Resposta ao número 10.

Camisolas de gola alta e camisas à sport para cerimónias importantes que exijam traje a rigor. Oferta especial para quem só tem casacas e fraques. Resposta ao número 5



cont. da pág. 4

D.BRIOLANJA
— Senhor, já vos hei dito: deixai lá a pequena, e dizeis as novas que trazeis, isto, claro se com os efúvios da cachaça vos não saíram já do real toutiço!

EL-REI

— Que dizeis? Quando souberdes que novas são, vereis a estultíssima do vosso inconsciente comentário!

D.BRIOLANJA

— Então dizeis depressa, que deixei ao lume os besugos do jantar, e receio tenho que se esturem...

EL-REI

— Deixai lá os besugos. Que se esturem, que coisas de maior monta atafulham o meu intelecto.

D.BRIOLANJA

— Pois sim, mas logo à noite também quereis atafulhar a pança...

ALDEGUNDES

— Principalmente se voltardes à loja do Mestre André a baber mais cachaça...

EL-REI

— Silêncio, pelos infernos, Cacarejantes criaturas! Quereis ouvir, ou não? Ou pretendes que institua na minha própria casa um poder de opressão, para dominar todas essas manobras de reacção?

ALDEGUNDES

— Ai, papá! Que bem que falaiades! Lembra-me os tempos de antanho...

EL-REI

— Pois desses tempos vos pretendo falar. Ouviu, mas ouviu de taramela fechada. Que tal está a gaita?

D.BRIOLANJA

— Falaiades como um plebeu...

EL-REI

— A minha condição permite-me que fale como entenda. Sou rei...

D.BRIOLANJA

— FOSTEIS

EL-REI

— E voltarei a sê-lo! Não vos esqueçaiades que lá por estar no exílio não perdi ainda as minhas qualidades de nobreza...

D.BRIOLANJA

— Eu sei lá! Não vos esqueçaiades que para aqui temos estado, tristes sós e abandonados, lembrando saudosamente os amigos da nossa corte...

EL-REI

— Pois alegrai-vos, senhora! Alembrais-vos dos nossos fieis nobres D. Cesar de Amoreira e D. Silvano da Cunha, que os rebeldes que tripudiavam no meu antigo reino haviam cruelmente encarcerado?

D. BIOLANJA

— Então como quereis que os esqueçesse? Tão nobres e de tão alta linhagem, tão chegados ao poder real! Em verdade bem poderíeis dizer que eles eram os maiores pilares do reino...

EL-REI

— Pois olhai que gentes de malévolas intenções os apodava de pilantras, em vez de pilares!

D.BRIOLANJA

— O que é a ingratição dos povos! D. Cesar, então, tão garboso e afável, tão fino gentil homem...

ALDEGUNDES

— Tão "ladies'man"...

EL-REI

— Não me faleiades ao pé de mim nesses linguajares de infieis. Ele podia ser tudo isso, mas a verdade é que estava dentro.

D.BRIOLANJA

— Injustiças! E o pobre D.Silvano da Cunha, que tão dedicadamente punha o seu brilhante engenho ao serviço da vossa defesa...

cont. na pág. 15

OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção e administração
R. Conde Redondo n.º 12 - 2.ª LISBOA
Tel. 53 85 85-53 79 49-48668-563158

Composto e impresso na "LISGRÁFICA" - S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR
AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS
R. SARAIVA DE CARVALHO - LISBOA

DESCARADAMENTE Julieta

cont. das centrais

— Anda a precisar de pau de marmeleiro — ameaçou o pai Gato.

— Dê-lhe pau de marmeleiro, dê-lhe, paizinho! — exortou transbordante de alegria o filho — Parta-lhe um braço e dois dentes que vai ser uma reinação.

A mãe Gato meteu o sapo numa panela:

— Está calado, energúmeno! Acende a lareira e vico calado. Mas boltando a nossa filha: temos de lhe dar destino. A aldeia é a perdição para ela!

— Parta-lhe um braço e dois dentes, paizinho — tornou a pedir o rapaz.

— O melhor, o melhor — ponderou o pai Gato — O melhor é ela ir para Lisboa onde ainda pode salvar a alma. Não há tantos perigos como na aldeia, não dá nas vistas e ninguém sabe que é da nossa família.

— É o melhor — concordou a mulher.

Quase ao mesmo tempo,

PIDES AOS SALTINHOS

EU ATRAS DOS PIDES E ELLES AOS SALTINHOS, UNS CHAMAM-LHES MAUS OUTROS COITADINHOS...

OS QUE ESTAVAM CÁ ERAM MAIS DE MIL! BATERAM A ASA PELOS FINS DE ABRIL...

OS DE MOCAMBIQUE JÁ P'RA CÁ VOLTARAM... FALTOU CÔ CAÇAR OS QUE SE PIRARAM!

APANHARAM MUITOS QUE FORAM P'RA CHOÇA: MAS OS SACANINHAS INDA FAZEM TROÇA!

COMO NUM HOTEL TÊM ALI DE TUDO, E ENSINAM AOS GUARDAS KARATÊ E JUDO!

FOGEM DOIS DAQUI, SOLTAM QUATRO ALÉM... SÃO PIORES QUE AS PULGAS OS FILHOS DA MÃE!

P'RA ACABAR COM ELLES HÁ MIL SOLUÇÕES: CORTAR-LHES A PINHA, CORTAR-LHE OS TENDÕES... MAS PARA MOSTRAR GENEROSIDADE TAMBÉM HÁ QUEM QUEIRA DAR-LHES LIBERDADE!

EU POR MIM, META-OS — ACHO QUE ERA LÓGICO: NUMA GRANDE JAULA DO JARDIM ZOOLOGICO!

no instante seguinte, marido e mulher deram um urro de aflição e precipitaram-se sobre o filho que em vez de acender a lareira tentava pegar fogo a uma mesa.

— Mávrado! Bradaram em unísono.

O rapaz, muito lépido, conseguiu furtar-se-lhes e escapuliu-se como um gamo pela porta fora. Julieta, nos seus dezoito anos, vinha a entrar. Embora não pudesse dizer que fosse bonito, havia no seu olhar um expressão de desafio ao mundo que lhe dava um certo encanto. Era uma destas raparigas que nasceu de pancada alta, ambiciosa e astuta, demasiado redonda de formas para passar despercebida.

— Ai, que infeliz que eu sou — lamriou-se a mãe — Sauti-nos o gado mosqueiro: um filho tarado e uma filha como esta...

— Ora — retorquiu-lhe Julieta — Não se lamenta que podia ser pior.

— És a vergonha da família — atirou-lhe o pai — Nunca houve uma Gato mais ladra do que tu. Que andaste a fazer?

— Não estive a fazer nada de mal. Encontrei o primo Mata-Cães e fomos tomar banho ao rio.

— Bés, bés — berrou a mãe Gato para o marido — Não te dizia que é doida! Tomar banho, à noite! Com este frio! A companhada por um homem!

— O Zé é um homem, é meu primo!

— Grande descarada, sabe-lha toda! Mas como é que tomaram banho se tu não tens fato de banho?

— Ora, mãe, como é que havíamos de tomar banho! — a rapariga fez um gesto sacudido-Em pêlo, é claro!

— Em pêlo! — estarteceu o pai Gato.

— Os teus banhos acabaram. Acabaram, percebeste?

— regougou a mãe Gato-Amanhã de manhã, vais para Lisboa. O que tu lá fizeres, é contigo. Não serás a escândula da aldeia e duma família honrada.

— Vais para Lisboa — cor-

roborou o pai — Tens o rio Tejo para tomar banho, à noite!

— É muito boa ideia — disse a rapariga, muito calma — Eu quero ser alguém na vida e A-da-Fome, nunca hei-de passar da cêpa torta!

Na manhã seguinte, mal o sol despontou, Julieta partiu com a sua trouxa a caminho da estação de comboios mais próxima que ficava a vinte quilómetros. A mãe Gato, durante a noite, mudara de ideias e quis retê-la com prantos e gritos. Toda a aldeia ocorreu. A rapariga abandonou A-da-Fome no meio de um coro

exaltado de recriminações, pragas e esconjuros, enquanto o irmão corria a lançar fogo à enxerga onde ela dormia.

Que futuro esperava Julieta na cidade? Era pobre, incivilizada, não tinha ali ninguém que lhe valesse e as suas roupas assemelhavam as de

uma mendiga.

Ignorante da vida em Lisboa, ela, contudo, não se mostrava apreensiva. Queria vencer e havia de fazer todos os esforços por consegui-lo. Um dia, o nome seria respeitado em A-da-Fome.



CONSULTÓRIO SENTIMENTAL

DESESPERADA — O meu namorado é padeiro, e sempre se tinha mostrado muito fiel. Mas depois do último decreto estabeleceu os novos preços para o pão, se calhar por já estar a ganhar mais, nunca mais me voltou a aparecer. Telefonei-lhe já várias vezes, mas ele arranja sempre desculpas a dizer que é dirigente da classe e que tem muito pouco tempo livre. A verdade é que não o vejo já há quase um mês. Que acha que devo fazer?

RESPOSTA — É difícil aconselhá-la. O facto de você não ver o padeiro há mais de um mês, embora muito aborrecido para si, não tem nada de extraordinário. A verdade é que há muito mais gente a queixar-se do mesmo. Sabe, esta situação é sob certos aspectos uma crise de crescimento, muito embora, pelo que nos escreve, não se aplique à letra ao seu padeiro. Tenha paciência.

DELICADINHO — Eu não gosto nada de me meter nestas coisas, mas a verdade é que marginais e afinal até que hoje acho que foi só promessas, só promessas, só promessas.

Coisas a sério, que se vissem, coisas em que pudessemos pegar, coisas com que nós sentíssemos realizados (as), não aparecem. Acho que os senhores, que são homens a sério, homens que levam as coisas a direito e não as deixam cair ao abandono, deviam fazer alguma coisa por isso. Não acham?

RESPOSTA — Vá xxxxxx xxxxxx xxxxxx e se pensa que xxxxxx xxxxxx xxxxxx porque nós não xxxxxx xxxxxx xxxxxx. Chça!

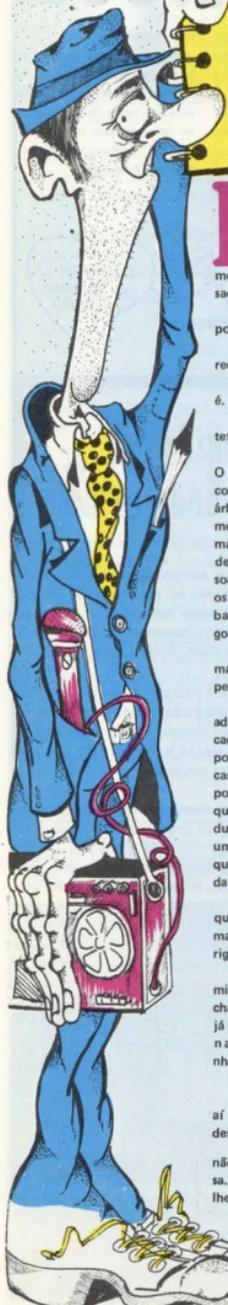
J.C. ALVAREZ, Lda

FOTO-CINE

TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA COM 5 SALÕES DE EXPOSIÇÃO

R. Sta JUSTA, 107
(Junto ao elevador)

AS NOSSAS SENSACIONAIS ENTREVISTAS



E ncontrei ontem na rua um homem que meio envergonhado, meio a medo, me puxou pela manga do casaco:

— Se o senhor não se importasse...

Virei-me intrigado, quase a reconhecer aquela cara:

— Mas olhe lá: você não é...

— O Damião, senhor arquiteto... o seu antigo barbeiro! Cafá das nuvens. O Damião! O homem que ainda há poucos meses era um verdadeiro árbitro das elegâncias, o homem que caprichava em só mandar sentar na sua cadeira de barbeiro de luxo, as pessoas que ele distinguia entre os fregueses da sua luxuosa barbearia, parecia um mendigo.

O fatinho no fio, a barba mal escanhada, o colarinho a pedir mudança...

Aquele Damião, só se admitira no tempo da sua cadeira muitas semanas depois de eu ser freguês da sua casa, e porque alguém um dia por brincadeira lhe sugeriu que eu era não um pobretana dum jornalista barato, mas um romancista extraordinário que ia receber quatro prêmios da Academia...

No entanto, arquiteto é que ele nunca me tinha chamado. E amigavelmente corrigi-o:

— É verdade, amigo Damião! Mas olhe lá, não me chame arquiteto, ouviu? Ou já se esqueceu que eu sou apenas um modesto escritor-nhador?

O homem coçou a cabeça: — Pois é, senhor doutor. É aí mesmo que está a minha desgraça...

— Mau! Doutor também não! Para si sou apenas o Sousa. Mas diga lá: o que foi que lhe aconteceu?

— Ora, o que é que havia

de ser? Estas coisas da política...

Fiquei varado. Querem ver que o tipo era da PIDE?

— Da política? Mas que diabo tinha você a ver com a política? Você andou metido nalguma coisa?

—Eu? Deus me livre, senhor engenheiro... perdião: senhor Sousa. A verdade é que...

— Então como é que você

— Não senhor! Não vê que quando estas coisas mudaram, eu achei que também não estava certo a gente alhear-se do que se passava na nossa terra. E comecei por riscar os meus princípios esses princípios parvos de não permitir uma sã troca de opiniões entre as pessoas. Acho que assim é que é

de todas e a mais bem frequentada!

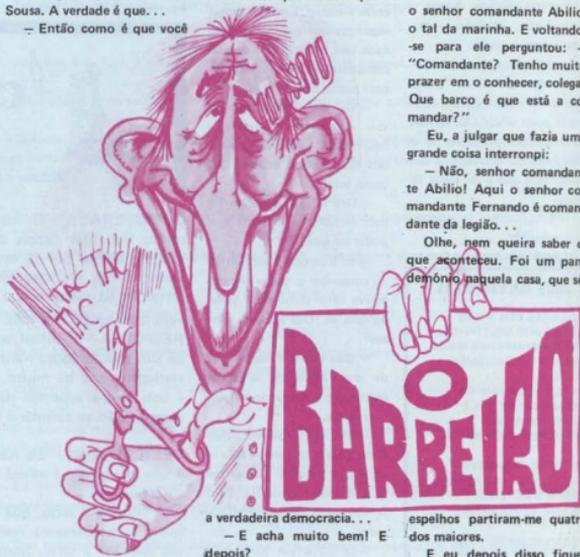
— Pois era. Mas um dia apareceu-me lá o Sr. Fernando, que era uma pessoa muito importante do governo. E eu cumprimentei-o: "Viva, senhor comandante! Como está?"

Ora mesmo ao lado estava o senhor comandante Abílio, o tal da marinha. E voltando-se para ele perguntou: — "Comandante? Tenho muito prazer em o conhecer, colega! Que barco é que está a comandar?"

Eu, a julgar que fazia uma grande coisa interronpi:

— Não, senhor comandante Abílio! Aqui o senhor comandante Fernando é comandante da legião...

Olhe, nem queira saber o que aconteceu. Foi um pandemônio naquela casa, que só



a verdadeira democracia...

— E acha muito bem! E depois?

— Olhe, depois, foi o diabo. O senhor sabe que um bom barbeiro tem sempre que começar a conversa com os seus clientes. É assim uma espécie de Public Relations da casa. Quando entrava o senhor Faria do Banco em frente, eu falava-lhe no último relatório do Conselho de Administração e dizia que era admirável a gestão do seu banco.

Quando entrava o Sr. Abílio, daquela companhia de navegação à esquina eu falava-lhe do prestígio dos homens que na ponte de comando, etc.:etc. etc.

E tudo seguia às mil maravilhas, e a minha casa...

— A sua casa era a melhor

espelhos partiram-me quatro dos maiores.

E eu depois disso fiquei todo nervoso, a tremer por todos os lados quando aparecia alguém. Chamava a um médico senhor conselheiro, chamava a um advogado senhor arquiteto, e uma vez até a um coronel reformado chamei Vossa Reverência.

O que eu não queria era sarilhos. Mas olhe foram-se todos indo embora, e por fim até os empregados me abandonaram. E eu que não sei fazer mais nada na vida, aqui estou, arruinado pela política!

— Pobre Damião! E o que é que você vai fazer homem?

— Olhe, agora estou a pensar dedicar-me à política. Pode ser que tenha mais sorte do que a fazer barbs...

Crónica semanal



por E. DÁSTIAS

Crónica nortenha e o mais que à rede venha...

AGUDEZAS

Ao comentar, ironicamente, no "Diário de Lisboa" de 3 do corrente, o "exclarecimento" que o Dr. Sardoeira Pinto prestou no Porto, em sessão com alguns jornalistas, acerca da sua discutida intervenção no último Congresso da F.P.F. (na qual considera tão "legítimo" e "justo" abater "a tiro", na estrada, um assaltante como castigar, nos campos de futebol, os "homens de preto" que falseiam resultados...), Orlando Dias Agudo escreveu, para fecho, que "voz de Pinto é voz de galo, no quintal murado lá do sítio".

Dois dias depois, o "Jornal de Notícias" anunciava que o artigo de Dias Agudo "motivou melindres", inclusivé "de carácter bairrista (o "quintal murado do sítio" pareceu a toda a gente uma expressão deveras infeliz, a demonstrar, afinal, que, nisto de palavras ditas num Congresso ou escritas num jornal, é preciso muito cuidado!)", acrescentando ter sido, em reunião da A.F. Porto, "claramente definida uma política de solidariedade" para com o dirigente em causa, "traduzida no envio de telegramas de protesto" a diversas atis entidades.

Em resposta, Dias Agudo veio dizer que se tratara de uma frase "empregue sem o minimo sentido de ofensa, antes tentando graçar num jogo de palavras"; e explicou ("para que se esclareça quem não sabe") que "sardoeira" significa "quintal ou quinta murado"...

Cá na minha, o advogado Sardoeira Pinto foi muito bem suspenso, por determinação superior, das suas funções de Presidente da A.F. Porto, não havendo que se-lhe dado qualquer tipo de solidariedade. Os exaltados termos que usou no Congresso — redunando em claro apoio e incitamento a acções de violência cega e sumária contra os árbitros — mostraram-se impróprios para um cidadão comum, quanto mais para um jurista...

Mas igualmente não colhe a "elucidación" de Dias Agudo (que, de resto — apostó! — também não sabia sem ajuda de dicionário o tal significado de "sardoeira"...). Essa do "quintal murado lá do sítio", onde "voz de Pinto é voz de galo", não pode, de facto, ser entidade senão como insinuando (admito que não, rigorosamente, "por querer") que no Norte "quem tem um olho é rei", que o Porto continua "provinciano", "rústico", "tapado"...

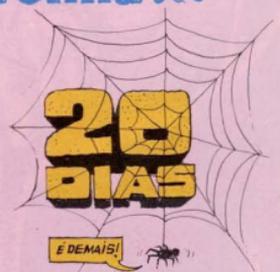
QUANDO A VERDADE É, QUE LISBOA JÁ NÃO É A CAPITAL DE NEHUM IMPÉRIO...

ROTINAS

Na montra que dá para a rua do Bonjardim do Posto do turismo da Praça de D. João IV, em plena "baixa" da Cidade Invicta, uma legenda lúcidava os transeuntes de que três das fotografias expostas diziam respeito à vinda a Portugal de uma delegação parlamentar do Conselho da Europa, que tinha sido recebida "pelo primeiro ministro, coronel Vasco Gonçalves, pelo ministro sem pasta, major Melo Antunes, e pelo Sr. D. António Ribeiro, Cardinal Patriarca de Lisboa". Simplemente o ministro sem pasta que se via era, não o major Melo Antunes mas sim o major Vitor Alves...

Claro que isto não se revestiria de importância especial se não fossem outros "pormenores" — como o de a Festa dos Emigrantes no Estádio 1 de Maio se achar documentada em tantas fotos como aquelas audiências e a histórica visita de Waldheim não merecer senão uma (identicamente a um descarrilamento na Azambuja...); e o de todas as ali patentes o estarem durante mais de vinte dias, perdendo actualidade e interesse e ocupando espaço que seria preciso para ilustrar outros acontecimentos entretanto verificados e sem dúvida também dignos de registo...

Por rotina ou por descuido, algo está, pois, "podre" naquele "Reino da Dinamarca". NÃO QUERERÁ O MINISTÉRIO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL TOMAR NOTA — E MEDIDAS?



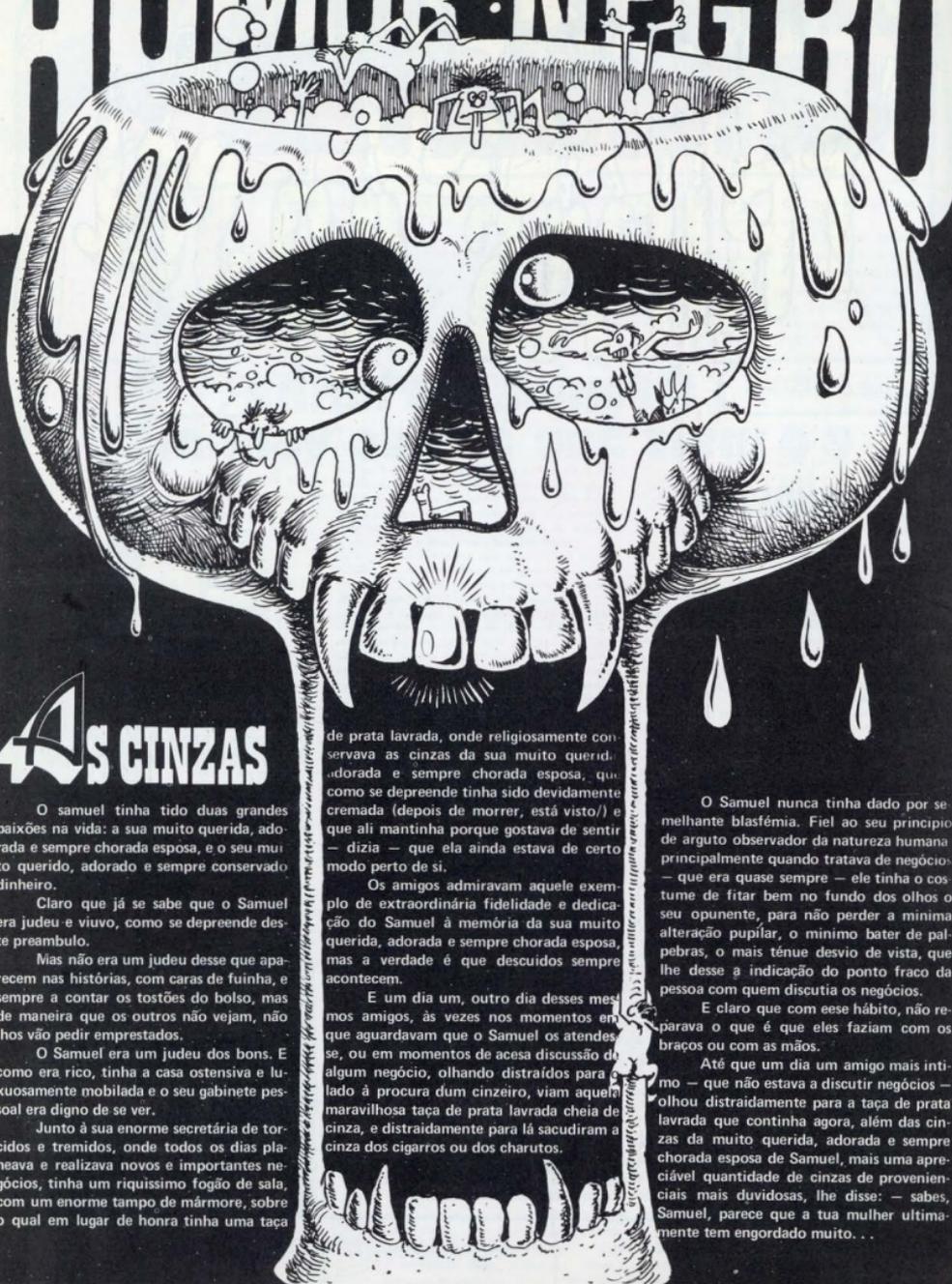
REIVINDICAÇÕES

Há três semanas — como decerto recordam —, a indignação popular ruidosamente manteve longo tempo sitiados no interior da Igreja portuense dos Congregados um sacerdote e um sacristão, com ou sem razão acusando o segundo de mal-tratar, ai, um jovem indigente e (parece) diminuído mental.

Pois pessoa amiga que passou no local contou-me (autêntico) que, ao indagar de uma idosa vendedeira ambulante o que estava a acontecer, recebeu por resposta:

— SÃO OS SANTOS QUE TAMBÉM QUE-REM AUMENTO





AS CINZAS

O samuel tinha tido duas grandes paixões na vida: a sua muito querida, adorada e sempre chorada esposa, e o seu muito querido, adorado e sempre conservado dinheiro.

Claro que já se sabe que o Samuel era judeu e viuvo, como se depreende deste preambulo.

Mias não era um judeu desse que aparecem nas histórias, com caras de fuinha, e sempre a contar os tostões do bolso, mas de maneira que os outros não vejam, não lhos vão pedir emprestados.

O Samuel era um judeu dos bons. E como era rico, tinha a casa ostensiva e luxuosamente mobilada e o seu gabinete pessoal era digno de se ver.

Junto à sua enorme secretária de torcidos e tremidos, onde todos os dias planeava e realizava novos e importantes negócios, tinha um riquíssimo fogão de sala, com um enorme tempo de mármore, sobre o qual em lugar de honra tinha uma taça

de prata lavrada, onde religiosamente conservava as cinzas da sua muito querida, adorada e sempre chorada esposa, que como se depreende tinha sido devidamente cremada (depois de morrer, está visto!) e que ali mantinha porque gostava de sentir — dizia — que ela ainda estava de certo modo perto de si.

Os amigos admiravam aquele exemplo de extraordinária fidelidade e dedicação do Samuel à memória da sua muito querida, adorada e sempre chorada esposa, mas a verdade é que descuidos sempre acontecem.

E um dia um, outro dia desses mesmos amigos, às vezes nos momentos em que aguardavam que o Samuel os atendesse, ou em momentos de acesa discussão de algum negócio, olhando distraídos para o lado à procura dum cinzeiro, viam aquela maravilhosa taça de prata lavrada cheia de cinza, e distraidamente para lá sacudiram a cinza dos cigarros ou dos charutos.

O Samuel nunca tinha dado por semelhante blasfémia. Fiel ao seu principio de arguto observador da natureza humana principalmente quando tratava de negócios — que era quase sempre — ele tinha o costume de fitar bem no fundo dos olhos o seu oponente, para não perder a minima alteração pupilar, o minimo bater de palpebras, o mais ténue desvio de vista, que lhe desse a indicação do ponto fraco da pessoa com quem discutia os negócios.

E claro que com esse hábito, não reparava o que é que eles faziam com os braços ou com as mãos.

Até que um dia um amigo mais intimo — que não estava a discutir negócios — olhou distraidamente para a taça de prata lavrada que continha agora, além das cinzas da muito querida, adorada e sempre chorada esposa de Samuel, mais uma apreciável quantidade de cinzas de proveniencias mais duvidosas, lhe disse: — sabes, Samuel, parece que a tua mulher ultimamente tem engordado muito. . .

rebola bola



TUDO A REBOLAR

E às vezes ainda há gente que se admira de certos títulos. Por exemplo este: Quando a gente começou a dizer "Rebola a Bola" houve logo quem dissesse que até era antigo, que era infantil, que era piroso... Eu sei lá!

E depois membravam-se da velha cantilena: "Rebola a Bola você diz que dá na bola, você diz que dá, que dá, você na bola não dá!

Pois é. Mas digam lá vocês se não é verdade:

Rebola a Bola... Pois claro: para o Sporting... rebolou um carneiro que já tinha uma cornadura maior do que um boi. E os comilões nem sequer tiveram a amabilidade de convidar os leões para o festim!

Depois foi o Belenenses que rebolou quatro vezes lá para dentro da balisa à pro-

cura da bola. E os ferrenhos da Luz a rebolarem-se todos!

Mas a festa não é só os campos: foi o Di Stefano que julgava que vinha cá comer as iscas e borrifar-se nos anzois, e que acabou por ir a rebolar lá para onde tinha vindo, sem ter visto concretizados os seus instintos de índio chopista.

Mas mesmo sem ser índio (o amigo Yasalde: você tem a certeza que não é mesmo?) o homem da bota de ouro e da bota de prata, lá chupou um novo contrato. Que diabo, a verdade é que ele pelo menos deu provas concretas de que vale, aqui e em toda a parte!

E muitas outras outras coisas rebolaram e continuam a rebolar. Rebola o Agostinho (em França, porque cá constipa-se).

E foi para a Espanha a rebolar de satisfação, o Saraçuça por não ter marcado um

ponto em Setúbal, que lhe vai fazer muito jeito na segunda volta.

Isto, para falar em futebol e uma lasquinha de ciclismo. Agora rebolar rebolar a rir —

você diz que dá na bola você na bola não dá — foi a presença dos "atletas" portugueses em Roma. Notável! Extraordinária! Fulgurante! e ainda dizem que há quem vá e

Roma e não veja o Papa: ali até houve dos que nem sequer viram a linha da partida, quanto mais a da chegada...

E depois digam lá se não é da gente se rebolar a rir...



cont. da pág. 10

EL-REI

— Pois agradeira-vos. Os inimigos da coroa que nos exilaram a nós, e enfiaram com eles na masmorra, tiveram finalmente um rebate de consciência, e puzeram-nos já em soltura...

ALDEGUNDES

— Malvados! Deram-lhes com certeza comida estragada que lhes escangalharam os intestinos!

EL-REI

— Não é isso, extremosa filha! A soltura que lhes deram não foi dessa!

ALDEGUNDES

— O quê? Não cheira mal?

EL-REI

— Bom aqui muito para nós as novas que chegaram do meu antigo reino dizem que grande parte da plebe achou que essa soltura cheirava um bocado a esturro...

D.BRIOLANJA

— Ai os meus besugos!

EL-REI

— A verdade é que os tiraram da masmorra, mas disseram à plebe que era uma soltura intermitente...

ALDEGUNDES

— Não era diarreia?

EL-REI

— Minha estremosa filha, quando voltar ao meu reino hei-de propôr-vos para o prémio nobel da estupidez. Ordem de soltura quere dizer liberdade, piranço, peluda! Percebeides?

ALDEGUNDES

— Ah, é? Mas então porque é que a plebe não gostou?

EL-REI

— Porque a ordem de soltura que lhes deram, não é de liberdade definitiva! É para eles continuarem presos, mas em casa deles, percebesteis?

ALDEGUNDES

— Então sempre é como eu dizia: é uma soltura de merda...

DOX O FIEL AMIGO DO SEU CARRO!

o NOVO anti-roubos ELECTRONICO

PATENTE ITALIANA

EFICAZ contra os "ratos"

Distribuidores Exclusivos: **AUTO ROMA, LDA.**
Avenida de Paris, 20 A e 20 B
TELEFONES: 724298 - 72156 - 72 7148 - Lisboa

MONTAGEM RÁPIDA

SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)
TEL. 5624-11/10 LINHAS



A MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS
ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS
MAIS FAMOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS
MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"